



REFLEXÕES E ALGUMAS PONDERAÇÕES EM TORNO DO CINEMA COMO RECURSO PEDAGÓGICO EM SALA DE AULA

Patrícia Fonseca Mendonça da Silva¹

Luciana Fonseca Mendonça²

GT7- Educação, Linguagens e Artes.

RESUMO

Este artigo vem com a proposta de discutir as possibilidades de se trabalhar a referida linguagem de modo significativo no âmbito sala de aula. O cinema quanto obra de arte coletiva e tecnologicamente sofisticada consegue atrair olhares para ideologias, valores e sem contar com sua imensa capacidade de promover disseminação cultural, levando o espectador pensar e repensar outras realidades.

Nesse sentido, traremos neste artigo com o objetivo de mostrar uma discussão sobre o uso do cinema como apoio pedagógico na sala de aula, sendo esta desenvolvida com base em reflexões, vivências e aprendizagens educativas. O professor planeja, traça objetivo, executa suas ações e avalia a sua prática, isso já se configura como uma aprendizagem, pois toda e qualquer ação educativa, no meio escolar, passa pela interação professor-aluno-conhecimento e tal contato pode resultar em reflexões pertinentes para o professor. Essa ideia desmitifica o pensamento de que somente o aluno é quem aprende.

Palavras-chave: Aprendizagem. Cinema. Recurso.

ABSTRACT

This article comes with a proposal to discuss as possibilities of working a language in a meaningful way without classroom teaching. Cinema as a sophisticated collective and technological work of art attracts glimpses to ideologies, values and without its immense capacity to promote cultural dissemination, causing the viewer to think and rethink other realities.

In this sense, we will bring in the article with the aim of showing a discussion about the use of cinema as a pedagogical support in the classroom, being developed based on reflections, experiences and educational learning. The teacher plans, traces objective, performs his actions and evaluates a practice, is already configuration as a learning, because any and all educational action, in the school environment, passes through teacher-student-knowledge interaction and such contact can result in relevant reflections for the teacher.

Keywords: Learning. Cine. Resource.

¹Especialista em Psicopedagogia pela Faculdade São Luís de França, Graduada em Pedagogia Licenciatura. Professora da Rede Estadual SEED/SE. E-mail: patriciaufsadm@hotmail.com

²Mestranda em Ciências Ambientais pela Universidade Federal de Sergipe, Graduada em Dança Licenciatura. Professora da Rede Estadual SEED/SE. E-mail: lucianafonsecamendonca@bol.com.br



INTRODUÇÃO

Já algum tempo, professores de diversas partes do mundo vêm utilizando o cinema (filmes) em suas aulas. Tal linguagem ganhou o caráter educativo ao longo do tempo, devido a sua capacidade de incrementar a didática de muitos docentes, além de recurso pedagógico, o cinema não deixa de ser um tipo de lazer. E por que não aliar diversão e aprendizagem? Mas trabalhar a linguagem cinematográfica em sala de aula não é tão simples como parece ou como os professores estão acostumados a fazer. Esse apoio pedagógico requer sistematização para que seu uso de fato seja significativo na aprendizagem. Este artigo vem com a proposta de discutir as possibilidades de se trabalhar a referida linguagem de modo significativo no âmbito sala de aula.

Partindo para a história do cinema, a linguagem segue uma trajetória de 123 anos, mas no espaço da escola, ela ganhou mais evidências no final da década de 80 e início dos anos 90, quando alguns educadores começaram a explorar conteúdos em filmes, sendo assim, uma ferramenta capaz de estimular os alunos a fazerem uma reflexão maior dos assuntos abordado pelo professor. O cinema quanto obra de arte coletiva e tecnologicamente sofisticada consegue atrair olhares para ideologias, valores e sem contar com sua imensa capacidade de promover disseminação cultural, levando o espectador pensar e repensar outras realidades.

Para Costa (1987), o cinema nos faz enxergar melhor, mesmo sendo uma ilusão óptica. E é apoiando-se nesta fala do citado autor, que entendemos de modo simplificado, o valor pedagógico da experiência de modo educativo com a linguagem. Teixeira (1971) inspirado em Dewey diz que a experiência educativa é uma experiência inteligente, em que o pensamento percebe coisas que até então não eram percebidas. As falas anteriormente citadas se aplicam a proposta do artigo, uma vez que trata da formação de um novo olhar, a partir da experiência educativa e o cinema é uma linguagem convidativa a educação.

Para discutir o cinema como apoio pedagógico foi preciso lançar um olhar reflexivo, para os escritos de autores, que se interessam pela relação cinema-educação, como Alencar (2007), Costa (1987), Napolitano (2009), entre outros que vieram a contribuir para a construção desta reflexão. Nesse sentido, traremos neste artigo com o objetivo de mostrar uma discussão sobre o uso do cinema como apoio pedagógico na sala de aula, sendo esta desenvolvida com base em reflexões, vivências e aprendizagens educativas.



2. 0 CINEMA E POSSIBILIDADES PEDAGÓGICAS

A experiência com o cinema no campo educacional pode bastante rica para professores e alunos, principalmente, quando trata de questões pontuais que trazem valores e ideologias, às vezes, imbuídas de discussões polêmicas, a depender do tema, o filme provoca emoções e envolvimento, assim como também , pode causar reações negativas como tédio e displicência. As reações negativas podem comprometer a ordem e causar frustrações para a turma e ainda mais para o professor. Por isso, a importância de sistematizar a experiência educacional, para que tal seja rica e de crescimento. Teixeira (1971) diz que a experiência educacional alarga enriquece o espírito, dando um sentido, um crescimento a quem experimenta. Pautado no pensamento de Dewey³, o autor aponta, a educação como processo de reconstrução e reorganização da experiência, pelo qual podemos melhor dirigir o curso de nossas experiências futuras. A experiência com os filmes pode conduzir o indivíduo a uma reflexão em vários aspectos de sua vida.

Quando se trata de atividades com filmes se faz necessário o professor proponha leituras em torno do contexto do filme, estimulando o alunado ir além, nas interpretações, um toque meticoloso e crítico, estabelecendo relações, acabando com ideia do “assistir por assistir”. Duarte (2002), apoiada em Christian Metz⁴, a qual sugere que os filmes sejam lidos/analizados como textos, permitindo identificar o contexto em que foi produzido o filme, deste modo, o cinema assume um perfil pedagógico.

Cada professor pode estabelecer critérios para análise/leituras de filmes, critérios como: ficha técnica (título, principais atores, direção, ano e produção); gênero (ficção, romance, comédia, suspense, animação, ação, documentário, histórico, drama), linguagem predominante (formal e informal), grau de entendimento (fácil razoável e difícil); valores cinematográficos (música, cenários, diálogos, fotografia, efeitos e enredo); temas abordados (psicológicos, culturais, científicos, políticos e religiosos); as cenas de maior impacto; a opinião do aluno, no que diz respeito, as contribuições do filme para sua formação, e muitas outras que o professor achar relevante.

³ Dewey foi filósofo e educador, sendo um dos fundadores da escola filosófica de Pragmatismo e representante principal do movimento da educação progressiva.

⁴ Christian Metz foi um francês teorizador de filmes, proponente da ideia do filme, como motivo popular que trata dos filmes como impressão da realidade do espectador diante da obra cinematográfica.



O trabalho com os filmes pode possibilitar articulações no processo de ensino-aprendizagem, o professor pode articular o filme escolhido com um conteúdo específico do currículo, como medida para facilitar o entendimento do assunto abordado em sala. Alencar (2007) coloca o uso do cinema como documento histórico e recurso didático que leva o aluno a pensar criticamente/significativamente/dialogicamente os conteúdos da disciplina de história. E isso vale para qualquer disciplina do currículo, inclusive há temas dentro de filmes que se encaixam perfeitamente em propostas interdisciplinares.

Quando se fala em filmes, articulações com o currículo e interdisciplinaridade, pode-se recorrer as colocações de Napolitano (2009), o mesmo aborda a possibilidade do filme atrelado as diversas disciplinas das grades, principalmente, temas que podem ter enfoque interdisciplinar, assim como os temas transversais definidos pelo PCN'S (Parâmetros Curriculares Nacionais). O filme "Tainá - A origem" é uma boa opção para professores trabalharem questões ambientais, sendo tal filme, uma fonte de informação sobre desmatamento, nascentes de rios, biodiversidade, além de trazer questões que envolvem a floresta Amazônica, eis um filme que traz uma grande mensagem ambientalista. Este filme envolve várias áreas de conhecimento como: história, geografia, sociologia, biologia entre outras, as quais podem articular/ discutir/ refletir significativamente sobre o meu ambiente.

Outro ponto de possibilidades é usar os filmes como ferramenta para desenvolver algumas competências e habilidades. Napolitano (2009), afirma que o trabalho com filmes em salas de aula colabora com desenvolvimento da leitura e elaboração de textos (narrativos e descritivos); decodificar signos e códigos não verbais; estimula a criatividade, e criticidade (social, cultural, política e ideológica) tornando o aluno um consumidor cultural mais exigente. Fischer (2007) faz uso de duas expressões bem pertinentes à educação cinematográfica, é necessário "educar olhos e ouvidos" e "educar a alma". Conforme Fischer é possível levar o aluno a investir numa ampliação de suas possibilidades de estabelecer relações, pensando e repensando o seu redor.

Além do alunado, o professor, ao experimentar os filmes como recurso pedagógico, também se enriquece, à medida que, o professor planeja, traça objetivo, executa suas ações e avalia a sua prática, isso já se configura como uma aprendizagem, pois toda e qualquer ação educativa, no meio escolar, passa pela interação professor-aluno-conhecimento e tal contato pode resultar em reflexões pertinentes para o professor. Essa ideia desmitifica o pensamento de que somente o aluno é quem aprende. No caso das atividades com os filmes, o professor



também lançará mão de uma leitura ambiciosa sobre os temas inseridos nos filmes em que ele escolher para trabalhar.

2.1 O CINEMA EM SALA DE AULA: USO PEDAGÓGICO INTELIGENTE

O uso do cinema em sala de aula é uma ferramenta de aprendizagem que deve ser usada de modo inteligente, portanto, se faz necessário algumas ponderações, como estudar a faixa etária, etapa da aprendizagem (ano escolar), e investigar mesmo que levemente a leitura de cinema do seu aluno. Importante o professor ter cuidados com questões culturais, religiosas e morais de seus alunos/famílias. Agindo cautelosamente, o professor evita certos julgamentos (más interpretações), que suas propostas pedagógicas podem vir a ter.

O imprescindível o professor ter ciente os seus objetivos pedagógicos ao escolher o filme, caso não tenha assistido assistir antecipadamente, verificar a censura da produção, e principalmente refletir se a cultura audiovisual de seus alunos está compatível. Napolitano (2009) traz uma reflexão pertinente sobre os cuidados que se deve ter em relação aos conteúdos, pois tais podem vir agredir valores ou não fazer sentido para o alunado. O referido autor, ainda coloca que “não se trata apenas de evitar filmes “picantes” para os mais novos ou filmes “difíceis” e “lentos” para adolescentes, até porque o conceito de filme “picante”, “difícil” ou “lento” varia conforme o grupo social, a região, a faixa socioeconômica e os valores familiares”. São ponderações pertinentes para o sucesso da atividade.

Vale reiterar, que os filmes podem ser uma ferramenta de aprendizagem, em várias de conhecimento como: música, arte, códigos e linguagens, matemática, cidadania e ética, história, informática, educação física, geografia, ciências etc. Valendo para qualquer ciclo escolar, desde os primeiros anos escolares (Educação infantil e primeiros anos do Ensino fundamental) até o Ensino médio.

2.2 O CINEMA PARA CRIANÇAS: UMA POSSIBILIDADE DE APRENDER COM AS ANIMAÇÕES

Os filmes podem ser utilizados na Educação infantil, como um recurso para a criança vivenciar uma experiência educativa, aos cinco anos de idade, a criança já está com a



capacidade cognitiva de leitura imagética⁵ (interpretação das imagens). As animações são um tipo de gênero fílmico bastante convidativo para o público menor, pode-se dizer que os filmes animados são considerados como uma produção mais adequada, justamente, por isso, que o filme animado é o mais lucrativo para os estúdios cinematográficos. Os estúdios “Dream Works”, “Walt Disney” e “20th Century” são especialistas neste tipo de produção. As crianças desenvolvem a habilidade de “ler” a imagem desde cedo e aos poucos habilidade (interpretação), vai se aprimorando com o passar do tempo, até mesmo porque o contato com a produção é experimentado, não somente nas escolas, em casa é muito comum os pais colocarem os filhos para se divertirem com filmes.

Outro ponto, colaborativo dos filmes animados, é o desenvolvimento que a criança adquire ao ter contato com as músicas (trilha sonora) das animações, a criança identifica e faz associações, ao tempo que percebe o ritmo e o movimento da imagem. A criança, também desenvolve a percepção das cores e as suas combinações. O professor pode fazer uso dessas aprendizagens para propor atividades lúdicas como: colagens, desenhos, gravuras e pinturas com a temática dos personagens, assim, a criança vai fazendo as associações, aprofundando nos detalhes das coisas observadas.

As atividades discursivas são boas opções para estimularem a oralidade na criança, o professor pode estimular a resenha simples, através de indagações, aos poucos a noção de narrativa vai sendo compreendida. Dentro do espaço da narrativa, alguns temas morais e sociais (relações humanas) podem ser trabalhados, por meio, dos personagens. Engana-se que julga as animações como uma produção exclusiva do universo infantil, a produção pode ser interessante para o público jovem, seja adolescente ou adulto. Mesmo sofrendo preconceito ao ser rotulado, como passa tempo infantil, as animações audiovisuais podem ser carregadas de conteúdo reflexivo e proveitoso para qualquer idade. Eis alguns exemplos de obras de cunho enriquecedor: “Zootopia Essa cidade é um bicho!” Traz uma trama que envolve abuso de poder, drogas, cultura de medo, machismo, racismo e violência policial; “Divertida mente” faz abordagens em torno de sentimentos como: melancolia, tristeza e a depressão; “O menino e o mundo” traz temas como abandono familiar, exploração do trabalho, ditadura militar e pobreza; e “Waking life” traz questões existencialistas, filosóficas e religiosas, há muitas outras vídeo animações com cunho de grande reflexão e aprendizagem.

⁵ A leitura imagética é a leitura realizada de imagens, isto é, a interpretação de imagens.



Diante de toda a riqueza que os vídeos animações podem proporcionar, o professor precisa ter em mente, que o conteúdo trabalhado nos filmes, é um conteúdo que culmina numa aprendizagem pensada/refletida, portanto, não é um aprendizado realizado somente focado uma transmissão de conteúdo. Vygotsky (1991) coloca e recomenda que a aprendizagem, deve ser trabalhada no viés do ato de se pensar sobre diversas coisas e de várias maneiras.

É preciso que o professor esteja atento as temáticas das animações, pois, como já foi dito anteriormente, há alguns, que são apropriadas para público juvenil e adulto, e que fica difícil a compreensão para uma criança de 5 anos, por mais que seja uma exibição em desenho animado. Como já fora abordado acima, as animações integram o processo de desenvolvimento na infância, é comum as crianças reproduzirem o comportamento (as ações) de alguns personagens, em especial, os que lhe são mais agradáveis. A imaginação e a vida real se misturam, as crianças começam a levar a ilusão para a realidade, a personalidade dos personagens passa a ser identificada nas pessoas ao seu redor.

A criança começa formar “rótulos” ao identificar características, a coleguinha da escola pode ser vista como “a menina má”, a bronca emitida por um adulto pode repercutir na ideia do “homem mal” e assim os rótulos vão sendo formados na mente infantil. Para Araújo (2007), as crianças redefinem e elaboram concepções a partir do que lhe é passado como certo e/ou errado. Com todas estas questões postas, pode-se concluir que o cinema e a educação pode ser um par construtivo no processo de aprendizagem das crianças e que cabe aos professores lançarem mão de tal recurso com inteligência, para assim, desenvolver suas práticas educativas da melhor maneira.

2.3 CINEMA NA ADOLESCÊNCIA: INTERPRETAÇÃO, PERCEPÇÃO E SENSO CRÍTICO

Quando se fala em adolescência e em seguida em cinema, logo nos remete a imagem das filas dos cinemas repleta de adolescentes, principalmente, nos períodos de férias, curtir um “cineminha” apetece o público juvenil, cinema é um ponto de convivência entre os jovens desde o seu surgimento. Pensando nesta realidade, o professor leva o filme à sala de aula, com uma proposta que vai além da leitura imagética e percepção de (cores, ritmo e movimento) visto em propostas para a Educação infantil. As atividades partem para uma complexidade maior, como o adolescente já possui um olhar desenvolvido sobre o mundo ao seu redor e suas regras, diferenças e valores, visto que, já se encontra apto para formar sua opinião.



Nada mais adequado que o professor para estimular o seu alunado a formar opiniões, trata-se de uma tarefa difícil, mas que pode ser trabalhada a partir das preferências do público, geralmente, o adolescente prefere filmes de aventura, descoberta, ficção científica e invenções (meninos) e românticos (meninas). Atividades como análise fílmica é indicada para tal público são interessantes, mas sendo previamente planeja e acompanhada pelo professor, como questões objetivas e relatórios.

De acordo, com Napolitano (2009), há muitas produções cinematográficas voltadas para adolescentes: filmes de aventuras, comédias em escolas, dramas familiares e escolares, retratando as relações interpessoais entre pais e filhos, e aluno-professor. O referido autor, ainda cita alguns clássicos marcantes como: “Ao mestre com carinho”, “Conrack” e “Professor perigo”, tais obras estimulam a discussão e reflexão do fazer pedagógico.

Há muitas opções de obras e o professor pode explorar diversos temas (identidade, existencialismo, namoro) que atraem o adolescente. Instigar o aluno a pesquisar sobre a produção é uma medida para aprofundá-lo na obra, pesquisas em torno da ficha técnica (atores, direção e produção), classificação de gênero, valores cinematográficos (música, cenário, diálogos, fotografia, efeitos, enredo) e temas abordados (científico, cultural, psicológico, político religioso).

Outro modelo de análise fílmica interessante são questões subjetivas, perguntas do tipo: Quais cenas de maior? Quais contribuições do filme para sua formação? ou, até mesmo, solicitações livres: Relate livremente o enredo; Dê sua avaliação sobre o filme; Teça comentários sobre o enredo; Dê sugestões de obras ao professor; São muitas possibilidades subjetivas que o professor pode explorar em seu alunado. Recorrendo novamente a Napolitano (2009), o autor sugere que o professor explore competências e habilidades por meio dos recursos expressivos presentes (verbais, gestuais e visuais), uma alternativa excelente para área de códigos e linguagens, principalmente, em artes podendo ser trabalhando desenhos, gravuras, pinturas e outras modalidades artísticas inspiradas em obras cinematográficas.

O cinema como uma prática educativa no contexto Ensino fundamental e Médio é proporcionar uma interação entre o papel e a imagem na tela, pode constituir um “casamento perfeito”, em razão que, ambos são recursos pedagógicos, e podem contribuir um em pró do outro para um processo de ensino-aprendizagem satisfatório.



2.4 O DOCUMENTÁRIO: UM RICO RECURSO PEDAGÓGICO

O documentário é um dos gêneros de filme mais utilizados em sala de aula por professores de diversas áreas, sobretudo, ciências humanas e linguagens. Mesmo não sendo o gênero preferido da clientela escolar, o professor pode (e deve) fazer uso dos documentários de divulgação científica, fenômenos naturais, jornalísticos, históricos, etc.

Carregado de uma linguagem simples, acessível e direta, os documentários podem ser excelentes atividades complementares em projetos escolares. Existem canais exclusivos para o gênero, rotulados de “canais fechados”, os mesmos procuram impressionar o telespectador a partir de uma realidade bem explorada. Discovery Chanel, National Geographic, History e Animal Planet, são alguns canais que apresenta uma grande variedade de abordagens temáticas com muita qualidade, mas há produções que faz sensacionalismos desnecessários e documentários sobre temas históricos com um teor tendencioso a inclinações ideológicas. É importante se ter em mente que o gênero documentário reproduz recortes que podem fugir da realidade, com o objetivo de construir/desconstruir olhares/opiniões. É necessário que o professor tenha ciência dessas falas e reforce junto aos seus alunos a importância da análise crítica.

De certo que documentários históricos sempre têm um traço ideológico/inclinações políticas, mas cabe ao professor perceber possíveis deturpações/ manipulações. Kellner (2010) chama atenção para a leitura crítica da mídia e a importância de discernir o que é, ou não manipulações midiáticas.

[...] a obtenção de informações críticas constitui uma fonte importante de aprendizado sobre o modo de conviver com esse ambiente cultural sedutor. Aprendendo como ler e criticar a mídia, resistindo a sua manipulação, os indivíduos poderão fortalecer-se em relação à mídia e à cultura dominantes. Poderão aumentar sua autonomia diante da cultura da mídia, adquirir mais poder sobre o meio cultural, bem como os necessários conhecimentos para produzir novas formas de cultura (KELLNER, 2001, p.10).

Diante do exposto, entende-se que o gênero documentário pode ser uma alternativa pedagógica interessante, capaz de levar o aluno ao aprofundamento do conteúdo disciplinar de modo mais ilustrativo e crítico. “Aprender a ver cinema é realizar esse rito de passagem do espectador passivo para o crítico” (TARDIF, 2002, p.42). É essa transição que o professor propõe com os documentários ao alunado, da passividade para a criticidade.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

O cinema vem ganhando um caráter educativo ao longo do tempo, devido a sua capacidade de incrementar a didática de muitos docentes, além de recurso pedagógico, o cinema não deixa de ser um tipo de lazer, que apetece crianças, adolescentes e adultos. E por que não aliar diversão e aprendizagem? Uma ótima alternativa, mas trabalhar a linguagem cinematográfica em sala de aula não é tão simples como parece ou como os professores estão acostumados a fazer.

Esse apoio pedagógico requer sistematização, uma organização pedagógica, para que seu uso de fato seja significativo na aprendizagem. Este artigo mostrou a importância de discutir e refletir as possibilidades de se trabalhar a referida linguagem de modo significativo no âmbito sala de aula, trazendo a tona, as possibilidades de se trabalhar a análise fílmica com um viés interpretativo, perceptivo e crítico, além do uso dos gêneros mais atrativos e interessantes pela clientela escolar, como a animação (criança) e o documentário (adolescentes), uma ferramenta capaz de estimular os alunos a fazerem uma reflexão maior dos assuntos abordados pelo professor.

O cinema quanto obra de arte coletiva e tecnologicamente sofisticada consegue atrair olhares para ideologias, valores e sem contar com sua imensa capacidade de promover disseminação cultural, levando o espectador pensar, repensar e quem sabe construir/desconstruir realidades.

REFERÊNCIAS

ALENCAR, S. E. de P. **O cinema na sala de aula: uma aprendizagem dialógica da disciplina História**. Dissertação de Mestrado, apresentada junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, 2007.

ARAÚJO, Suely Amorim de. **Possibilidades Pedagógicas do Cinema em Sala de Aula**. Revista Espaço Acadêmico, Minas Gerais, n.79, dez. 2007. Disponível em: Acesso em 6 de março de 2018.

COSTA, A. **Compreender o cinema**. Rio de Janeiro: Ed. Globo, 1987. DUARTE, R. **Cinema & educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.



DUARTE, R. **Cinema & educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

FISCHER, R. M. B. **Mídia, máquinas de imagens e práticas pedagógicas**. Revista Brasileira de Educação, v. 12, n. 35 maio/ago, 2007.

KELLNER, D. **A Cultura da mídia – estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno**. São Paulo: EDUSC, 2001.

NAPOLITANO, M. **Como usar o cinema na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2009.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis: Vozes, 2003.

TEIXEIRA, A. **A pedagogia de Dewey**. In: DEWEY, John. Vida e educação. 7º ed. São Paulo: Melhoramentos, 1971.

VYGOTSKY, L. S. **A Formação Social da Mente**. 4 ed. São Paulo, Martins Fontes, 1991.